

# Monteiro Lobato na imprensa\*

## *Monteiro Lobato in the press*

FRANCISCO DE ASSIS\*\*

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Curso de Jornalismo. São Paulo-SP, Brasil

### RESUMO

O artigo discute a relevância do trabalho desenvolvido por Monteiro Lobato junto à imprensa, com enfoque no território onde ele começou suas atividades: o Vale do Paraíba Paulista. A tentativa que aqui se faz é a de explorar uma faceta do escritor ainda pouco retratada no âmbito acadêmico, ou seja, a da atividade jornalística que antecedeu sua trajetória como literato. Amparado em pesquisa bibliográfica, este texto aponta, sumariamente, as publicações da referida região que contaram com a contribuição do jornalista-escritor, sinalizando particularidades de seu desempenho nesse contexto.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato, jornalista, jornalismo, imprensa, Vale do Paraíba

### ABSTRACT

The article discusses the importance of the work developed by Monteiro Lobato in the press, focusing on the territory where he started his activities: the Paraíba Valley. The approach herein is to explore a facet of the writer still little described in the academic field, i. e., the journalistic activity that preceded his trajectory as a writer. Supported by bibliographic research, this text points out, in a summary way, the publications of the referred region that counted with the contribution of the journalist/writer, signaling particularities of his performance in this context.

**Keywords:** Monteiro Lobato, journalist, journalism, press, Paraíba Valley

\* A versão inicial deste artigo foi apresentada no 1º Congresso de História da Mídia do Sudeste, em 30 de abril de 2010, na Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo, SP), sob o título "Monteiro Lobato, jornalista do Vale do Paraíba".

\*\* Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: francisco@assis.jor.br

## INTRODUÇÃO

**M**ONTEIRO LOBATO (1882-1948) é figura singular da intelectualidade brasileira. Popularmente conhecido por sua obra literária infantil, que deu origem à série de TV *Sítio do Picapau Amarelo*<sup>1</sup>, o escritor ofereceu grandes contribuições não só a esse segmento editorial, como também a toda a indústria de livros do Brasil, promovendo – num momento sócio e culturalmente propício (Koshiyama, 2006: 16) – avanços significativos no setor, com suas próprias obras ou com a publicação de outros autores brasileiros e estrangeiros.

Criador de personagens que povoam, ainda hoje, o imaginário brasileiro – como a serelepe boneca de pano Emília ou o polêmico Jeca Tatu – Lobato tornou-se uma espécie de mito nacional, tendo sua imagem relacionada, principalmente, a um ser inquieto por mudanças e ávido pelo progresso. Em sua trajetória e em sua obra, deixou diluídas essas características, como no livro *América*, no qual afirmou que “um país se faz com homens e livros” (Lobato, 1966: 45), transparecendo sua veia de editor e de homem interessado no desenvolvimento humano.

Também cabe lembrar que foi ele um dos principais entusiastas da nacionalista campanha pelo petróleo, mesmo este fato tendo sido responsável por sua prisão e pelo declínio de sua carreira. No início da década de 1930, recém-chegado dos Estados Unidos, incentivou a criação de companhias brasileiras destinadas à exploração do petróleo. Porém, seu entusiasmo, marcado por um forte apelo nacionalista, transformou-se em uma polêmica briga com o então presidente Getúlio Vargas, que impôs uma série de obstáculos às explorações petrolíferas. Como revela Marisa Lajolo,

no balanço que faz de sua campanha pelo petróleo, Monteiro Lobato atribui seu fracasso a razões políticas: para ele, o Departamento Nacional de Produção Mineral e o Conselho Nacional do Petróleo<sup>2</sup> estavam comprometidos com os interesses dos trustes internacionais do petróleo (2000: 76).

O escritor registrou sua indignação a respeito dessa história em, pelo menos, duas obras: no livro para adultos *O escândalo do petróleo* (1936) – censurado em 1937, mas cujas primeiras edições foram esgotadas assim que publicadas – e na obra infantil *O poço do Visconde* (1938).

Para o senso comum, Lobato foi um homem à frente do seu tempo. Tendo vivido “numa época marcada por uma série de transformações” (Marçolla, 2005: 173), em que “o mundo buscava caminhos diferentes, em nome do progresso” (Ibid.), lançou vários alertas para o crescimento do Brasil, valendo-se dos dispositivos que tinha à mão – em especial, os jornais e os livros. Não por acaso,

1. A extensa literatura infantil escrita por Lobato, de 1920 – com seu livro de estreia nesse gênero, *A menina do nariz arrebitado* – até 1947, foi transformada, por quatro emissoras do país, em programa televisivo voltado às crianças. A primeira experiência foi a da *Rede Tupi* (1952-1962), seguida da *TV Cultura* (1964) e da *TV Bandeirantes* (1967-1969). Mas, sem dúvida, a produção mais marcante foi a da *Rede Globo*, responsável por duas versões da série (1977-1986 e 2001-2007).

2. Nota do autor: o Conselho Nacional do Petróleo foi criado pelo decreto-lei nº 395, em 29 de abril 1938, após técnicos do governo terem averiguado a existência de “ouro negro” no interior da Bahia.

o sociólogo Gilberto Freyre chegou a dizer que “a figura do escritor havia de guardá-la não apenas a história literária do Brasil, mas também a história do nosso povo e da nacionalidade brasileira” (apud Nunes, 2000: 5).

Diante destas constatações, importa dizer que a compreensão das perspectivas intelectuais de Lobato não pode deixar de lado um espaço que foi significativo para a difusão de suas ideias e para a formação de um homem crítico e, de certo modo, destemido: ou seja, a *imprensa* deve necessariamente ser incorporada ao debate suscitado à margem da obra lobatiana. Afinal, foi nesse *palanque* – mais especificamente em jornais impressos – que ele encontrou, em diferentes fases de sua vida, lugar propício para expressar suas opiniões, além, é claro, de “divulgar o seu nome e atingir um objetivo maior, que era vender os seus livros”, como bem observam Eliane Freire de Oliveira e Robson Bastos da Silva (1999: 44).

O relato a seguir coloca em discussão a figura do Lobato jornalista, com enfoque maior no cenário que marcou o início de sua atuação na imprensa: o Vale do Paraíba Paulista, região onde está localizada Taubaté, sua cidade natal. Trata-se de um ensaio, elaborado à luz de pesquisa bibliográfica, que tem a modesta – mas, ao mesmo tempo, ambiciosa – intenção de descortinar um complexo campo de investigação historiográfica, que pode contribuir para novos olhares a respeito da formação intelectual do escritor.

## DADOS BIOGRÁFICOS

Como foi dito anteriormente, Lobato nasceu em Taubaté (SP), no dia 18 de abril de 1882. Seus pais – o fazendeiro José Bento Marcondes Lobato e dona Olympia Augusta Monteiro Lobato, filha do também fazendeiro Joaquim Francisco Monteiro, que recebera o título de Barão e, depois, de Visconde de Tremembé (Cavalheiro, 1955a: 22) – batizaram-no com o nome de José Renato Monteiro Lobato. Aos 11 anos, no entanto, ele decidiu substituir o *Renato* por *Bento*, na intenção de herdar uma bengala de seu pai, na qual haviam sido gravadas as iniciais J.B.M.L. Assim, “eliminou o R que atrapalhava o seu sonho de portar a bengala. E com um cartão enfeitado com flores, comunica à sua mãe o novo nome” (Marçolla, 2005: 174).

Na infância, o menino Juca – como era comumente chamado – “foi crescendo diferente dos outros garotos” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1998: 27). Sempre com “a cara enfiada nos livros e os olhos brilhantes a enxergar para muito além da janela do quarto” (Ibid.), “seu espaço preferido era a biblioteca do Visconde, na casa da Rua XV de Novembro, junto ao Largo do Teatro, em Taubaté, onde passava horas folheando a *Revista Ilustrada* e o *Journal des Voyages*” (Ibid.).

Como era de costume, naquela época, o menino aprendeu as *primeiras letras* com a mãe, aos quatro ou cinco anos de idade. Já alfabetizado, teve um professor particular: Joviano Barbosa. Aos sete anos, ingressou no Colégio do Professor L. Kennedy, recém-instalado em Taubaté. Depois, passou pelo Colégio Americano, pelo Colégio Paulista e pelo São João Evangelista, todos em sua terra natal (Cavalheiro, 1955a: 23-25; Nunes, 2000: 6). Em 1895, fez as malas e seguiu para São Paulo. Seu destino: o Instituto de Ciências e Letras, onde prestou exames que permitiram sua matrícula no curso preparatório para o ingresso no ensino superior. Porém, “é reprovado em Português e tem de arrear caminho: volta para Taubaté e para o Colégio Paulista. E é lá que estréia na letra impressa, como colaborador de *O Guarany*<sup>3</sup>, improvisado jornalzinho estudantil” (Lajolo, 2000: 14).

3. Há outros autores, como Edgard Cavalheiro e Cassiano Nunes, que grafam o nome do jornal com a letra “i” no final: *O Guarani*.

Lobato retornou a São Paulo em 1896. Finalmente aprovado nos exames, foi matriculado como interno no Instituto de Ciências e Letras. Permaneceu ali durante três anos, sendo reprovado apenas uma vez, em Latim. Durante esse período, colabora com jornais estudantis – *O Patriota* e *A Pátria* –, sob o pseudônimo de Gustavo Lannes, o qual também utiliza para assinar artigos que circulam em jornaizinhos editados em Taubaté. Além disso, “não contente em colaborar nas folhas dos colegas e da terra, funda o próprio jornal, que intitula de ‘H<sub>2</sub>O’. Era um jornalzinho manuscrito, lido pelo próprio autor todos os sábados, no recreio, dentro de um quadrado de defesa” (Cavalheiro, 1955a: 52).

É somente de Edgard Cavalheiro (1955a: 52) a afirmação de que Lobato, no período de 1896 a 1899, colaborava a distância com pequenos jornais de sua terra natal. Nenhum outro registro menciona tal feito e o próprio Cavalheiro não cita quais são essas publicações. Entende-se, assim, que o biógrafo não deve ter localizado nenhum exemplar desses jornais – os quais, muito provavelmente, eram manuscritos – valendo-se de registros orais para fazer tal assertiva. Além disso, o *H<sub>2</sub>O*, por ele aludido, também não é identificado por outros autores. O provável motivo é que não se tratava exatamente de uma publicação jornalística, mas, sim, de uma brincadeira de estudantes (talvez levada a sério).

Num espaço de um ano, entre 13 de junho de 1898 e 21 de junho de 1899, Lobato perdeu o pai e a mãe, respectivamente (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1998: 88). Órfão, aos 17 anos, sua guarda – bem como a de suas irmãs, Ester e Judite – foi assumida pelo Visconde de Tremembé, que decidiu seu futuro. “Atropelando uma presuntiva vocação do neto pelas Belas-Artes, o visconde obriga-o a matricular-se na Faculdade de Direito, curso onde, naquele tempo, desaguavam os filhos da aristocracia brasileira” (Lajolo, 2000: 16).

O curso superior foi realizado na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, cidade onde residiu de 1900 até 1905. Nesse último ano, mais precisamente no mês de janeiro, regressou a Taubaté, onde começou a namorar Maria da Pureza de Castro Natividade, a quem sempre chamou de Purezinha e com quem se casou, em 1908. Tiveram quatro filhos: Martha, Edgard, Guilherme e Ruth.

Notoriedade e destaque, Monteiro Lobato já obtinha nessa época [1908]. Promotor público em Areias, uma cidade tranquila, onde nada acontecia e sobrava muito tempo para ele dedicar-se à leitura e aos artigos escritos para jornais. Essa vida pacata não duraria por muito tempo. Lobato, aos 29 anos, herda as terras de Taubaté, juntamente com suas irmãs, por causa da morte de seu avô, o Visconde de Tremembé. Era o ano de 1911 (...). Diante desse fato, Lobato abandona a vida pacata em Areias, muda-se com a família para assumir a fazenda Buquira (...). Ao mesmo tempo, envolve-se em um negócio de estradas de ferro e abre um externato, em Taubaté. A versatilidade de Lobato é sua marca registrada. Sempre à frente de seu tempo, em busca de modernidade (Marçolla, 2002: 78).

Lobato residiu em Taubaté de 1911 até 1916 (Cavalheiro, 1955a: 197). Naquele ano, após vender a fazenda que herdara do avô – motivado pela decadência da produção cafeeira – mudou-se com a família para São Paulo, onde fixou morada – com exceção dos períodos em que permaneceu fora do país – até sua morte, no dia 4 de setembro de 1948.

Ao longo de sua vida, publicou bem mais de 50 livros de sua autoria, que se revezam entre literatura infantil e literatura para adultos. Também traduziu outro considerável montante, além de ter deixado várias obras avulsas, publicadas originalmente na imprensa, principalmente nos jornais *O Povo*, *Minarete* e *Jornal de Taubaté*, editados no Vale do Paraíba (Cavalheiro, 1955b: 741-763).

No dizer de Rosângela Marçolla, Lobato sempre “questionou, buscou respostas. Colocou suas palavras na boca da boneca Emília, que ainda fala até os dias de hoje” (2002: 94). Não só da Emília, obviamente. Suas palavras, por muito tempo, ecoaram em páginas de jornais e revistas, com textos que ele fazia questão de assinar com seu próprio nome ou, então, com pseudônimos. Foi assim que se formou a imagem do jornalista que aqui se pretende evocar.

## LOBATO JORNALISTA

O desempenho de Monteiro Lobato como escritor, tradutor e/ou editor de livros já foi – embora talvez não em todos os seus possíveis desdobramentos – devidamente analisado por intelectuais brasileiros, seja por aqueles vinculados a instituições acadêmicas, seja pelos que se dedicaram a explorar sua vida e sua obra

4. Esse segundo livro, datado de 2008, foi organizado em parceria com João Luís Ceccantini.

sem vínculo com as cátedras universitárias. Na lista dessas contribuições, estão inseridos, por exemplo, os emblemáticos trabalhos de Alice Mitika Koshiyama (2006), Marisa Lajolo (2000; 2008<sup>4</sup>), Cassiano Nunes (2000) e Alaor Barbosa (1996), fontes inesgotáveis de discussões que dão visibilidade ao papel exercido por Lobato junto à indústria do livro e que reivindicam o reconhecimento pelas inovações que ele promoveu no sistema literário do Brasil.

Também não é possível deixar de mencionar obras que oferecem um panorama amplo e aprofundado sobre sua trajetória, em tom de biografia. Fazem parte desse rol, principalmente, a densa obra de Edgard Cavalheiro (1955a; 1955b) – dividida em dois volumes e que, provavelmente, constitui-se como o material mais difundido e completo sobre o assunto – e a pesquisa realizada por Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta (1998), a qual, além de apresentar uma minuciosa cronologia, recupera um rico acervo de fotografias e fac-símiles de muitas obras originais já fora de circulação.

Os debates acerca da obra lobatiana ainda são complementados por reflexões de cunho sociopolítico, tais como o breve volume *O último sonho de Monteiro Lobato: o georgismo*, de Cassiano Nunes (1983) – que esboça a predileção do escritor taubateano pelas ideias do economista americano Henry George (1839-1897), cuja filosofia promulga que cada um é dono daquilo que consegue criar, mas tudo aquilo que é proporcionado pela natureza pertence a toda a humanidade – e uma edição especial dos *Cadernos da PUC-RJ*, datada de 1982, a qual se dedica exclusivamente aos contributos oferecidos por Lobato à literatura infantil, com ênfase no caráter ideológico de seus textos.

Há ainda, certamente, iniciativas esporádicas e dispersas pelas bibliotecas das universidades brasileiras, geralmente em bancos de teses, dissertações e monografias dos cursos de Letras. Isso sem contar recortes dados por outras áreas ou subáreas do conhecimento, como é o caso da Folkcomunicação – disciplina científica dedicada ao estudo dos meios de informação popular (Marques de Melo, 2004: 11) – devidamente resgatada no trabalho de Rosângela Marçolla (2002), que identifica marcas de tradição oral nos livros infantis do escritor.

Assim sendo, não é difícil perceber que discussões a respeito do Monteiro Lobato escritor, intelectual, editor e empresário da indústria editorial podem ser facilmente localizadas. O mesmo, todavia, não é possível dizer de sua faceta jornalística. Não que muitas das obras aqui mencionadas deixem de aludir a suas atividades junto aos órgãos de imprensa. Porém, deve-se destacar que são poucas as referências que se debruçam exclusivamente sobre esse item.

Os primeiros dos poucos subsídios de que se tem notícia, nesse sentido, são os artigos de Eliane Freire de Oliveira e Robson Bastos da Silva, mencionados anteriormente. Importa assinalar que foram eles os primeiros a deixar registrado

que a figura do Lobato jornalista nunca recebeu a mesma atenção dos pesquisadores, se comparado às outras frentes de atuação que marcaram sua vida.

[Monteiro Lobato] escreveu, ao longo de 52 anos, em mais de 20 jornais e revistas do país e exterior. Diferente do escritor, o jornalista não possui uma análise mais aprofundada desta produção intelectual. Alguns textos estão catalogados em diversas biografias, mas não há uma obra que reúna todo o material, principalmente artigos publicados nos pequenos jornais do interior, no início da carreira (Oliveira; Silva, 1999: 43).

Um dos motivos aos quais Oliveira e Silva atribuíam, no final da década de 1990, a carência de uma interpretação densa sobre o jornalista Monteiro Lobato é o fato de ele ter utilizado muitos pseudônimos para escrever em jornais, inclusive alguns femininos, o que poderia dificultar um levantamento completo de sua produção na imprensa periódica. Os autores citam alguns desses nomes falsos: Mem Bugalho Pataburro, Lobatoyewsky, Jobsem, Edelweiss, Hélio Bruma, Rodanto Cor-de-Rosa e Olga Lima (Ibid.). Porém, eles próprios deixam claro que essa lista não incorpora todos os nomes que Lobato inventou. Nas palavras de Edgard Cavalheiro, “o próprio Lobato confessava não poder precisar quantos pseudônimos usou. Dizia nunca ter havido escolha nos mesmos, pois não eram pseudônimos filhos da vaidade e sim de uma grande vergonha de aparecer em público com a cara natural” (1955a: 87).

Mesmo sem se voltar para um trabalho de garimpagem e de catalogação do material disperso em vários veículos jornalísticos, esses autores conseguiram, num segundo momento, identificar vestígios da visão crítica de Monteiro Lobato sobre as questões que envolviam, na primeira metade do século XX, temas socioambientais e que refletem, em considerável parcela, os modelos atuais do conceito de cidadania, ligado à construção de uma identidade brasileira (Oliveira; Silva, 2000: 44).

Se os pesquisadores da Universidade de Taubaté alertaram que era “preciso resgatar esse lado pouco conhecido e divulgado” (Oliveira; Silva, 1999: 54) de Lobato, com a realização de “um estudo sistemático da sua obra jornalística, com a finalidade de entendê-lo como um todo” (Ibid.), não é possível deixar de reconhecer que foi Thiago Alves Valente, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Assis (SP), que conseguiu cumprir tal façanha. Entusiasta da obra lobatiana, ele dedicou seu doutoramento ao foco aqui destacado, defendendo, em 2009, a tese *Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923)*.

Antes disso, o autor havia publicado um modesto trabalho intitulado *Monteiro Lobato, jornalista*, nos anais do 6º Congresso de Leitura do Brasil,

realizado em 2007, em Campinas (SP). Naquele material, notadamente seu projeto de pesquisa para o desenvolvimento da tese, Valente (2007: 10) insere Lobato num momento sócio-histórico datado, procurando ancoragens teóricas para problematizar o cenário de atuação do jornalista. A resposta a suas indagações, obviamente, não aparece naquele *paper*. Emerge, mais recentemente, no resultado final da tese.

Selecionando como *corpus* de análise os textos que Lobato publicou n’*O Estado de S. Paulo*, de 1913 a 1923 – época de “consolidação” ou “profissionalização” da imprensa, no seu entender (Valente, 2009: 12) – o jovem doutor confirma as percepções de Oliveira e Silva, que sinalizaram a simpatia de Lobato por aquele jornal, devido “à sua condição de oposicionista ao governo” (1999: 45).

Thiago Valente percebe, ainda, que Monteiro Lobato conseguia transitar livremente entre as funções de literato, jornalista e editor, buscando, em cada uma delas, elementos que pudessem suprir lacunas que uma ou outra não pudesse dar conta. Por isso mesmo, nunca deixou de ser nenhum dos três. Sempre foi os três. Além disso, o autor chega à conclusão de que as ideias e os ideais esboçados pelo jornalista naquele periódico<sup>5</sup> não fogem aos interesses do próprio jornal e, muito provavelmente, de outros intelectuais da época.

Lobato não estava sozinho em sua empreitada por um país melhor, mais rico, mais eficiente. O ideário do jornal em que começara a escrever em 1913, mas cujos textos realmente passaram à história da literatura com os artigos de 1914, era comum ao neto do Visconde, bem como aos demais membros do grupo de *O Estado*. Longe de imaginar uma relação de subserviência, os “sapos” da redação eram, sem dúvida, a alma do periódico nas primeiras décadas do século XX. O que não significava abrir mão do objeto comercialmente viável (Valente, 2009: 256).

É preciso dizer que, além das contribuições de Oliveira e Silva e de Valente, Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta dedicaram um capítulo de seu livro à relação de Lobato com a imprensa. Aliás, é curioso destacar que a referida unidade carrega o sugestivo título *Sapo de redação*, fazendo alusão ao “jargão utilizado para definir os que compareciam à redação quase todas as noites e lá ficavam até alta madrugada” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1998: 102).

Se há um comum acordo entre os autores aqui revisitados é o de que a relação de Lobato com a imprensa – ou, mais precisamente, com a função de jornalista – era, por vezes, contraditória. Em alguns momentos, ele fazia questão de atuar como *sapo de redação*, deixando o gabinete de trabalho para conhecer determinado fato no local de seu acontecimento, como ocorreu na ocasião em que se dedicou a escrever sobre as queimadas – em seu polêmico artigo *Uma*

5. É importante explicar que, antes de começar a escrever para *O Estado de S. Paulo*, em 1913, “seus primeiros artigos na grande imprensa saíram na *Tribuna*, de Santos, em 1909, e no *Correio Paulistano*, órgão do PRP – Partido Republicano Paulista” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1998: 102).

*velha praga*, de 1914 – ou, em 1918, quando foi ouvir *in loco* as reclamações dos agricultores que perderam seus cafezais por conta de uma forte geada que assolou o interior de São Paulo. Por outro lado, houve vezes em que parecia desestimulado a dar continuidade ao trabalho jornalístico: também em 1918, por exemplo, reclamou a Godofredo Rangel – numa das cartas que costumava trocar com o amigo – que só escrevia para jornal influenciado pela indignação e que, por isso mesmo, sentia não servir para o jornalismo.

As circunstâncias, porém, não tardariam a desmenti-lo. Durante a gripe espanhola que assolou São Paulo no segundo semestre de 1918, tirando de campo toda a cúpula do *Estado*, Lobato se veria na contingência de assumir o comando. O primeiro a cair doente foi Nestor Pestana, seguido por Plínio Barreto e Pinheiro Júnior. Com a direção fora de combate, ele desdobra-se em redator-chefe, secretário e editor, garantindo a circulação do jornal (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1998: 102).

Lobato, portanto, não abandonou a imprensa, embora considerasse, de certo modo, inconveniente a obrigatoriedade de escrever todos os dias (com ou sem vontade). Por conta disso, depois da experiência no fechamento de algumas edições d'O *Estadão*, ele resolveu focar seu trabalho numa publicação que não fosse diária. Assim, “intensifica seu trabalho na *Revista do Brasil*<sup>6</sup>, onde desde o terceiro número vinha colaborando com contos e artigos” (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1998: 108) e a qual adquire pouco tempo depois, ainda em 1918.

De volta à tentativa de organizar os referenciais existentes a respeito do assunto que aqui interessa destacar, vale dizer que Nelson Werneck Sodré, em sua antológica obra sobre a história da imprensa brasileira, também dá atenção ao trabalho que Monteiro Lobato desenvolveu em publicações paulistas. Para o autor, o ponto de partida para a compreensão desse fato é a repercussão do artigo *Uma velha praga*, de 1914. No seu entendimento, é a partir daí que

o fazendeiro José Bento Monteiro Lobato foi enviando ao jornal o que tinha na gaveta e novas coisas que escrevia, contos e artigos, e o público se foi habituando a admirar o seu estilo fácil, correntio, simples, claro, muito diferente do dos escritores que colaboravam nas folhas da época. Quando deu por si, o fazendeiro estava em S. Paulo, a dirigir a *Revista do Brasil*, a escrever e a editar livros, e sobretudo a revolucionar, sem pensar na coisa, a produção, comércio e distribuição de livros em todo o país (Sodré, 1999: 324-343).

Nos trabalhos assinados por Rosângela Marçolla (2002; 2005), também há referências ao Lobato jornalista. A autora reforça, além de alguns pontos outrora mencionados, o gosto que ele cultivava pelos pseudônimos, bem como o trabalho que realizava para a revista *Fon-Fon*, desenhando caricaturas.

6. Nota do autor: a *Revista do Brasil* foi criada em setembro de 1915, por meio de sociedade anônima formada por 60 acionistas, a maioria ligada ao grupo d'O *Estado de S. Paulo*.

Fernando Morais ainda menciona o jornalista na biografia que escreveu a respeito de Assis Chateaubriand, revelando sua participação no grupo do magnata durante a década de 1920. Afirma, porém, que não obstante admirasse o trabalho de Monteiro Lobato, Chateaubriand queixava-se “da falta de assiduidade e do comportamento boêmio do escritor paulista” (2002: 147), que mantinha, já em 1927, a mesma fixação pelo ambiente das redações. Conforme o registro de Morais, Lobato aparecia n’*O Jornal* – com o qual colaborou regularmente por mais de um ano – para entregar sua coluna, e ali ficava, horas e horas, conversando e “cavaqueando com os colegas” (Ibid.).

O percurso de Monteiro Lobato pela imprensa não é linear. É marcado por idas e vindas, por momentos em que realmente atuava como jornalista e por outros em que tão somente fazia dos jornais um espaço para publicar sua produção literária. Os caminhos cruzados não são de se estranhar. Naquela época, como lembram Oliveira e Silva, “jornalismo e literatura andavam juntos, não havendo basicamente grandes diferenças” (1999: 53-54). Porém, ainda atestam os autores que, “polemista por natureza, [Lobato] encontrou nesse veículo [ou seja, o jornal impresso] o espaço para discutir e projetar suas ideias como empresário da indústria cultural e um intelectual orgânico ligado ao sistema” (Ibid.).

Cabe dizer, ainda, que apesar de o artigo *Uma velha praga* ser considerado um divisor de águas na trajetória de Lobato, tamanha – como foi dito – a sua repercussão, seria inocente pensar que foi só a partir daí – ou seja, depois de 1914 – que o taubateano, de fato, tenha “‘entrado’ para o jornalismo”, como bem coloca Valente (2009: 123). Aceitar essa ideia, conforme o autor, “não é somente desconsiderar toda sua vivência anterior com o veículo jornalístico, mas também esquecer de certa desenvoltura com que há tempos transitava no meio editorial” (Ibid.).

Por isso mesmo, revela-se ser mais do que necessário revisitar os primeiros passos dados por Lobato no terreno da imprensa, para que não se corra o risco de voltar à mesma dedução equivocada de alguns autores.

### JORNALISTA DO VALE DO PARAÍBA

Muito embora tenha sido na capital paulista que Monteiro Lobato conquistou notoriedade na imprensa, foi na região do Vale do Paraíba que ele se inseriu no campo do jornalismo. A primeira experiência – amadora, obviamente – ocorreu ainda na adolescência, quando estudava no Colégio Paulista, em Taubaté, como já mencionado aqui. “Nesta escola, terminou os primeiros estudos e lançou um jornalzinho, o *Guarani*, em que publicou suas lucubrações, aos quatorze anos. Usou então seus primeiros pseudônimos” (Nunes, 2000: 6).

Todavia, e sem dúvida, é no período em que cursou Direito, em São Paulo (de 1900 a 1904), que o jornalista-escritor começou a dar contribuições mais significativas à imprensa de sua região. Na época, era comum que os estudantes formassem grupos de discussões sobre assuntos das mais diferentes naturezas; um desses grupos, fundado por Lobato e por seus colegas, era o Cenáculo, que reuniu, entre outros, Godofredo Rangel – seu amigo por toda a vida – Ricardo Gonçalves – que se suicidou em 1916, cuja morte o amigo taubateano confessadamente chorou (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1998: 96) – e Edgard Jordão, a quem Lobato homenageou dando seu nome a um dos filhos que teve com Purezinha. Conta Alaor Barbosa que praticamente todas essas figuras

escreviam em jornais da cidade de São Paulo e de outras cidades paulistas (Pindamonhangaba e Caçapava<sup>7</sup>). Um desses jornais foi o *Minarete*: nele os membros do Cenáculo, principalmente Monteiro Lobato, publicaram a maioria de suas primícias literárias. O *Minarete* existiu durante quatro anos (de 1903 a 1907), em Pindamonhangaba (1996: 23).

7. Nota do autor:  
Pindamonhangaba e  
Caçapava são cidades  
do Vale do Paraíba.

*Minarete* foi o apelido que Ricardo Gonçalves deu a uma república de estudantes, em São Paulo – um “chalé”, nas palavras de Barbosa (1996: 23) – a qual ele e Lobato frequentaram por um curto período. Foi nesse lugar, inclusive, que Godofredo Rangel – que ali já residia – passou a integrar o Cenáculo. Alaor Barbosa enfatiza que, na história da literatura brasileira, o Cenáculo também ficou conhecido como “Grupo do Minarete” (Ibid.).

Inspirado naquele ambiente, Benjamin Pinheiro – já formado em Direito e “decidido a pôr abaixo o situacionismo político de Pindamonhangaba” (Nunes, 2000: 9), na ambição de eleger-se prefeito (o que, de fato, conseguiu, em 1905) – criou um jornal homônimo na referida cidade valeparaibana, contando com o apoio de Lobato e de seus companheiros, que utilizavam a folha para fazer críticas ao governo e à República. O nome do periódico foi sugestão de Lobato. Segundo Cavalheiro, ele assim disse a Benjamin Pinheiro:

— Pois dê ao jornal o nome de “Minarete” (...). No primeiro número explicaremos aos povos o que é minarete – aquelas esguias torres das gentes islâmicas, de cujo topo, ao cair da tarde, os muezins convocam os fiéis à prece. Um jornal é um minarete de cujo topo o jornalista dá milho às galinhas da assinatura e venda avulsa. Fica muito bem esse nome – e é nome que não está estragado (1955a: 86).

Na verdade, o *Minarete* era resultado de um antigo sonho do grupo de estudantes, que, descontentes com “os jornais bem comportados da capital” (Cavalheiro, 1955a: 85), almejavam um espaço no qual, “com absoluta liberdade, pudessem dizer o que bem desejassem” (Ibid.). Assim foi feito. Os colaboradores

redigiam os textos em São Paulo e os encaminhavam a Pinheiro, que, vez ou outra, enviava-lhes cartas nesse tom: “Zé Bento: Preciso de um artigo bastante severo, atacando a Câmara por causa duma racha na parede do teatro. E outro sobre o capim que há nas ruas” (Cavalheiro, 1955a: 86).

Interessante, também, é a definição dada por Cavalheiro ao *Minarete*: um “enigma indecifrável para os leitores da pequena cidade do interior” (1955a: 88). Ao que tudo indica, naquele jornal, não havia “nada, absolutamente nada, que pudesse interessar [a] um fazendeiro, [a] um negociante, nem mesmo [a] um boticário mexeriqueiro” (Ibid.).

Edgard Cavalheiro explica, ainda, que as colaborações de Lobato para o *Minarete* dividiam-se entre literatura – com vários contos que, posteriormente, foram recuperados e refeitos para serem incluídos em livros (em *Cidades Mortas*, de 1919, por exemplo) – e artigos opinativos sobre temas variados, como fumo, boemia, futebol, entre outros. “Por vezes envereda pelo terreno filosófico, enfronhando-se em altas considerações metafísicas, em artigos mais trabalhados” (1955a: 92). O historiador Gilberto Martins afirmou, em documento preparado à época das comemorações pelo centenário do nascimento de Lobato, em 1982, que os leitores de Pindamonhangaba chegaram a ter, em relação ao que era publicado no *Minarete*, “ânsia de vômito diante de tanta esquizofrenia literária. Muitos números eram devolvidos, com sermão à parte” (apud Oliveira; Silva, 1999: 44).

Nessa mesma época, o jornalista colaborou com *O Povo* – fundado em março de 1903, em Caçapava, por José Pereira de Matos e Sinésio Passos – sendo responsável, inclusive, pela elaboração de seu cabeçalho (Cavalheiro, 1955a: 73). Durante essa fase, assegura Edmir Nogueira dos Santos, Lobato se sobressaiu como “homem político, preocupado com a situação” (1988) e como escritor que apostava na ironia. Tanto é que, no jornal caçapavense, publicou o primeiro capítulo de uma novela intitulada *Os Lambe-Feras*, mas que não foi bem vista pelos leitores.

A respeito da série, sabe-se que o diretor do jornal, Pereira de Matos, “não se atreveu a prosseguir” (Ibid.) com a publicação dos demais capítulos, tendo em vista as queixas dos assinantes e de outras partes interessadas. “A pressão maior partia naturalmente da Igreja, pois a abertura de ‘Os Lambe-Feras’ representa violenta diatribe contra os Padres, que o autor chama de ‘mulheres pelo vestuário’ e ‘suínos no julgarem o asseio incompatível com a vida de santidade’” (Ibid.). Por conta da decisão do proprietário d’*O Povo*, o escritor teve de publicar os demais capítulos no jornal *O Onze de Agosto*, editado em São Paulo, pelo Centro Acadêmico 11 de Agosto.

Edmir Santos destaca que Lobato colaborou com o *Minarete* e com *O Povo* numa conjuntura em que era comum os intelectuais buscarem na imprensa

“um meio de divulgação de seus trabalhos” (1988). O autor também identifica que, nas primeiras décadas do século XX, o Vale do Paraíba era um cenário propício para o exercício de um jornalismo crítico e opinativo, uma vez que a região passava por um difícil momento, herdado do regime imperial e baseado em uma política “dominada pela oligarquia cafeeira, que relutava para manter-se no poder” (Santos, 1988).

Além dos jornais aqui mencionados, Oliveira e Silva (1999: 61) identificam, na lista de veículos com os quais Lobato colaborou, outras três publicações da região: *Jornal de Taubaté* (Taubaté), *Revista Parahyba* (Caçapava) e *Tribuna do Norte* (Pindamonhangaba). Cavalheiro, por sua vez, ainda menciona que o jornalista publicou artigos n’O *Taubateano* (Taubaté) e em “inúmeros outros jornaizinhos interioranos” (1955a: 161), muitos dos quais, provavelmente, editados em municípios do Vale do Paraíba.

Foi em 1905 que Monteiro Lobato começou a escrever para o *Jornal de Taubaté*. Tendo acabado de regressar à terra natal, após o término da faculdade, passa a assinar a crítica de arte daquela publicação (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1998: 89), na qual também faz circular, em 1906, uma série de poemas dedicados a Purezinha (Cavalheiro, 1955a: 124).

Quase não há referências a respeito da relação do jornalista com a *Revista Parahyba*. Criada em 1917, ela parece ter recebido sua colaboração logo de início, pois Azevedo, Camargos e Sacchetta (1998: 97) dizem que, a partir da terceira edição, é Lobato quem desenha suas capas. A revista também é mencionada por Cavalheiro (1955a: 200), quando elenca os órgãos de imprensa pelos quais o escritor passou antes de publicar seus textos em livros.

Note-se, também, a falta de considerações sólidas acerca da possível atuação de Monteiro Lobato nos jornais *Tribuna do Norte* e *O Taubateano*. Oliveira e Silva (1999: 51) apenas citam que ele escreve para o primeiro desses em 1931; quanto ao segundo veículo, citado por Cavalheiro (1955a: 161; 200), não há indicação de quando o jornalista publicou materiais em suas páginas e tampouco de qual era o teor dos seus escritos.

## COMENTÁRIOS FINAIS

Parece correto o pensamento de Oliveira e Silva, quando afirmam que Lobato “soube tirar proveito desse lado profissional” (1999: 53), ou seja, da atuação jornalística. “Caso não tivesse acesso aos jornais, possivelmente o escritor demoraria muito mais tempo para se tornar conhecido” (Ibid.). A conclusão dos autores caminha na mesma direção das considerações de Koshiyama, que, ao mencionar a remuneração que Lobato começou a receber d’O *Estado de S. Paulo*, em 1914, adverte: “Lobato estava agora enxergando um motivo mais

atraente que a possível remuneração pelos artigos que escrevia para *O Estado*. O principal motivo de escrever para esse jornal era o número de leitores que conseguia atingir” (2006: 59).

Sendo assim, se a historiografia brasileira está – ou se estava, caso sejam consideradas as recentes publicações há pouco revistas, as quais preenchem parte da lacuna – em débito com a memória do jornalista Monteiro Lobato, certamente não é por falta de indicadores que sinalizem seu elo com a imprensa. As próprias datas acenam para o valor dessa relação. Afinal de contas, seu ingresso no jornalismo deu-se ainda na adolescência – com *O Guarani* – ou, formalmente, aos 21 anos, quando passou a colaborar com o *Minarete* e com *O Povo*. Seu primeiro livro – *Urupês* – no entanto, só foi publicado em 1918, quando o jornalista-escritor já contava 36 anos (Cavalheiro, 1955a: 199).

Durante um considerável intervalo de tempo, portanto, Lobato utilizou apenas jornais e revistas para publicar seus trabalhos. Dessa maneira, entrelaçou, logo de início, duas de suas principais vertentes: a do jornalista e a do escritor. Por essa razão e em virtude de todas as considerações tecidas até aqui, é que se reforça, uma vez mais, que parece ser pouco possível compreender a obra de tal figura sem dedicar especial atenção a esses dois pontos de sua biografia. ■

#### REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Carmen Lucia; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. 2ª ed. São Paulo: SENAC-SP, 1998.
- BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CADERNOS DA PUC-RJ. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1982. (Série Letras – Sobre Monteiro Lobato).
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. v. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955a.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato: vida e obra*. v. 2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955b.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, Com-Arte, 2006.
- LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- \_\_\_\_\_; CECCANTINI, João Luís (orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Edunesp, 2008.
- LOBATO, Monteiro. *América*. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- MARÇOLLA, Rosângela. Monteiro Lobato: o editor revolucionário. In: MARQUES DE MELO, José (org.). *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. v. 2. São Paulo: Imprensa Oficial, Universidade Metodista de São Paulo, 2005. p. 171-185.

- MARÇOLLA, Rosângela. *Monteiro Lobato: a arte de contar e recontar histórias. Uma abordagem folkmediática*. 2002. 218 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.
- MARQUES DE MELO, José. Introdução à Folkcomunicação: gênese, paradigmas e tendências. In: BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2004. p. 11-24.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. 3. ed. 8. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato: o editor do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O último sonho de Monteiro Lobato: o georgismo*. São Paulo: [s.n.], 1983.
- OLIVEIRA, Eliane Freire de; SILVA, Robson Bastos da. Reflexões sobre cidadania nos textos jornalísticos de Monteiro Lobato. *Ciências Humanas: Revista da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade de Taubaté*, v. 6, n. 2, p. 39-44, jul./dez. 2000.
- \_\_\_\_\_. O polêmico jornalista Monteiro Lobato. *Acervo Mídia Regional: Revista do Nupec (Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação) da Universidade de Taubaté*, ano 3, n. 4, p. 43-63, 1999.
- SANTOS, Edmir Nogueira dos. *Monteiro Lobato na imprensa no Vale*. [S.l.: s.n.], 1988. (Mimeo).
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- VALENTE, Thiago Alves. *Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923)*. 2009. 277 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.
- \_\_\_\_\_. Monteiro Lobato, jornalista. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16, 2007, Campinas. No mundo há muitas armadilhas e é preciso saber quebrá-las. *Anais eletrônicos...*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

---

Artigo recebido em 19 de junho de 2012 e aprovado em 12 de fevereiro de 2013.